**A SIGNIFICAÇÃO DOS PERSONAGENS ANTÔNIO E CATARINA DO CONTO LAÇOS DE FAMÍLIA DE CLARICE LISPCETOR, ATRAVÉS DA CRÍTICA PSICANÁLITICA**.

Ana Luisa de Souza Rocha[[1]](#footnote-1)

Aluna de Graduação em Licenciatura em Letras- Língua e Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Amazonas.

**RESUMO:**

Neste artigo serão analisadas as personagens Antônio e Catarina, do conto Laços de Família de Clarice Lispector. O viés adotado é a crítica psicanalítica, com o objetivo de construir a significação destes personagens, ou seja, entender quem são esses dois personagens, como é a sua estrutura psicológica (se possuem neuroses e complexos por exemplo) e de que forma se relacionam com os demais personagens ao longo do conto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antônio, Catarina, Conto Laços de Família, Crítica Psicanalítica.

**INTRODUÇÃO:**

A literatura de Clarice Lispector é marcada pelo intimismo, o qual, tem como principal objetivo explorar as configurações psicológicas dos personagens. Fischer descreve as personagens criadas por Clarice dessa forma: “meio obsessivas, meio lunáticas, mas sempre carregadas de humanidade, vivem sua intensa psicologia diante de nossos olhos por causa da qualidade da linguagem da autora” (FISHER,2013, p.22).

Esta autora escreveu o conto Laços de família, onde é narrada a história de uma família. Os seus Laços, ao contrário do que o título possa levar a imaginar, são frágeis e somente sanguíneos, pois, entre eles não há afeto. Catarina não tem uma boa relação com sua mãe Severina e nem com o filho, que é magro, nervoso e distraído. Antônio, esposo de Catarina, tem com ela um casamento relativamente calmo, calmaria que esconde os problemas que o casal acomodado a rotina tem, além disso ele não suporta a sogra e é indiferente com o filho. Até que um evento abala a todos de forma a se questionarem sobre quem são, e quais suas relações com as demais personagens, fazendo-os mudar os seus modos de viver.

Em poucas páginas, Clarice consegue nos apresentar toda a estrutura psicológica das personagens, seus sofrimentos passados e atuais, seus medos e neuroses. Por apresentar tal característica, este conto é passível de ser analisado através das teorias da crítica psicanalítica, descritas por Lacan e Freud.

Busca-se nesse artigo construir a significação dos personagens Antônio e Catarina e mostrar as suas relações com os demais personagens do conto, através da metáfora do espelho definida por Lacan e de aspectos da teoria de Freud entre eles o Inconsciente, a Neurose, a masculinidade e o Complexo de Édipo feminino.

1. ANTÔNIO:

Antônio, engenheiro, é um homem que não mede esforços para mostrar o poder que ele acredita ter sobre as mulheres de sua família, para isso, ele oprime Catarina, sua esposa, como no trecho: “Às vezes ele procurava humilhá-la, entrava no quarto enquanto ela mudava de roupa porque sabia que ela detestava ser vista nua. Por que precisava humilhá-la? no entanto ele bem sabia que ela só seria de um homem enquanto fosse orgulhosa.” (LISPECTOR,2013, p.52-53). Além disso ele detém, até certo momento do conto, o controle sobre a vida de Catarina e do filho, que durante o sábado, por mais que o pai tire o dia para descanso, são obrigados a ficarem no mesmo local à disposição dele. A partir disso é possível perceber que Antônio tomou para sua vida, o papel masculino descrito por Freud:

a aquisição da virilidade seria ainda mais difícil do que o tornar-se mulher, sobretudo por nunca ser definitiva, devendo ser constantemente reconquistada, sob a ameaça de que a feminilidade possa retome o seu espaço, processo que faz do próprio homem seu maior opressor.(GOULART, 2007)

Desse modo, como deveria tratar a sogra como superior devido a hierarquia familiar, ele, para exercer poder também diante dela, à chama pelo nome Severina, colocando-os em posição de igualdade. Porém, quando vão despedir-se, ela o deixa embaraçado: “Catarina, de pé, observava com malícia o marido, cuja segurança se desvanecera para dar lugar a um homem moreno e miúdo, forçado a ser filho daquela mulherzinha grisalha...” (LISPECTOR, 2013, p.). Logo, este homem, antes forte, agora mostra não saber quem é, deixando claro que tem um processo de significação incompleto.

Depois desse evento, volta para casa indiferente, o que lhe importa é que volte a ter o seu ambiente familiar estável que se desvanecera duas semanas atrás quando a sogra chegou para visita. Ele e sua esposa, vivem entregues a rotina, não sentem raiva, paixão ou alegria e quando um desses sentimentos resolve aparecer, eles o controlam.

Viviam tão tranquilos que, se se aproximava um momento de alegria, eles se olhavam rapidamente, quase irônicos, e os olhos de ambos diziam: não vamos gastá-lo, não vamos ridiculamente usá-lo. Como se tivessem vivido desde sempre. (LISPECTOR,2013, p.53)

Segundo Freud, se o homem escolhe seguir o princípio da realidade, ele precisa reprimir o prazer, e vice-versa. A repressão, acredita o autor, é importante para a construção do que somos, entretanto, se excessiva torna o homem doente e neurótico. Antônio e Catarina fazem uma repressão excessiva de seus sentimentos, contraindo a neurose de seguir sempre a mesma rotina.

Só que, para a surpresa do personagem, quando a mulher retorna da estação, saí de casa com o filho afoita, movida pelo desejo de viver algo novo e de dar atenção ao menino. Isso o abala, fazendo-o refletir sobre sua vida.

Quem sabe se sua mulher estava fugindo com o filho da sala de luz bem regulada, dos móveis bem escolhidos, das cortinas e dos quadros? fora isso o que ele lhe dera. Apartamento de um engenheiro. E sabia que se a mulher aproveitava da situação de um marido moço e cheio de futuro – deprezava-a também, com aqueles olhos sonsos, fugindo com seu filho nervoso e magro. O homem inquietou-se. Porque não poderia continuar a lhe dar senão: mais sucesso. E porque sabia que ela o ajudaria a consegui-lo e odiaria o que conseguissem. (LISPECTOR, 2013, p. 52)

Então, percebe que seu significado não está em si, mas no outro e nos objetos. Antônio não superou a fase do espelho, descrita por Lacan, onde a criança se projeta no outro para ter em quem espelhar suas ações, ele continua a espelhar-se nos bens materiais, que dão a ele a sensação de uma vida feliz. Outro espelho seu é Catarina, pois, sem ela ele não consegue conquistar os bens.

Em relação ao seu filho é insensível, e só se preocupa, quando Severina chama a atenção dele e de Catarina para o fato do menino ser magro e nervoso. Ainda que, essa preocupação seja egoísta, em outras palavras, o homem não se preocupa com a condição de sofrimento do filho, mas com o que a sogra tem à falar contra ele, tirando sua autoridade de pai.

Quando sua esposa leva consigo o menino, Antônio fica com medo da mãe se aproximar do filho de tal forma que se esqueça dele. Além disso, é importante para o personagem que o menino seja o seu sucessor, outro papel masculino descrito por Freud, o de perpetuar a vida do pai “como algo natural e não como retaliação por desejos edipianos proibidos, dentro de uma repetição atualizada de sua própria experiência edípica (GOULART, 2007) ”. Assim, ele adquire também a consciência de que um dia irá morrer e repensa sua rotina, decidindo quebrá-la, indo ao cinema e esquecendo da existência daquele dia.

1. CATARINA:

Segundo Freud, o complexo de Édipo feminino (pois esse autor não reconhece o nome complexo de Electra, apesar de outros o utilizarem) é quando a criança do sexo feminino, adquire paixão pelo pai e vê na mãe uma rival. Apesar de rivais, a criança entende que para chamar atenção do pai, precisa se parecer com a mãe e por isso passa a reproduzir ações semelhantes a ela. Se esse complexo não for superado, a menina pode vir a ter dificuldades na relação com a mãe, nos seus relacionamentos amorosos e em assumir responsabilidades.

A personagem Catarina tem esse complexo, podemos perceber em: “Do pai, sim. Catarina sempre fora mais amiga. Quando a mãe enchia-lhes os pratos obrigando-os a comer demais, os dois se olhavam piscando em cumplicidade e a mãe nem notava. ” (LISPECTOR, 2013, p 50).

Além do Complexo de Édipo feminino, a mãe não a trata com carinho, evidente no trecho: “Catarina fora lançada contra Severina, numa intimidade de corpo há muito esquecida, vinda do tempo em que se tem pai e mãe. Apesar de que nunca se haviam realmente abraçado ou beijado” (LISPECTOR, 2013, p. 50), o que faz com que Catarina não supere o Complexo, tendo assim muitas dificuldades em sua vida.

O desejo de ser uma mulher forte, orgulhosa e severa, igual a mãe, a faz reprimir seus sentimentos, pois entende que se eles forem expostos, os outros perceberão como ela na verdade é vulnerável. Assim, Catarina adquire a dificuldade de se expressar verbalmente e até mesmo de rir, concentrando e guardando suas emoções nos seus olhos que ora riem, ora indicam frieza.

Por manter sempre o controle de suas emoções, o seu inconsciente, reprimido, abre um espaço para se manifestar, afirma Eagleton, comentando a respeito da teoria de Freud:

Podemos ter certos desejos inconscientes que não serão negados, mas que também não ousam encontrar um escoadouro prático; nessa situação, o desejo força sua saída do inconsciente, o ego bloqueia-o defensivamente, e o resultado desse conflito interno é o que chamamos de neurose. O paciente começa a apresentar sintomas que, numa posição conciliatória, ao mesmo tempo protegem contra o desejo inconsciente e o expressam disfarçadamente. (EAGLETON, 2006,p.237-238)

Catarina tem neurose de cumprir uma rotina, pois, se sua vida for previsível ela conseguirá controlar suas emoções virando uma mulher forte e semelhante a mãe, o que nos faz retornar ao Complexo de Édipo, que Freud considera um dos responsáveis pelo surgimento da neurose.

Outro escoadouro para o inconsciente são as piadas “que para Freud têm um conteúdo acentuadamente libidinal, ansioso ou agressivo” (EAGLETON, 2006, p.237). A piada que Catarina faz, não é para os outros, mas, para si mesma. Ela tenta se convencer de que algo que a incomoda é engraçado para assim pensar que está sendo uma pessoa feliz, percebido no excerto:

Ainda estava sob a impressão da cena meio cômica entre sua mãe e seu marido, na hora da despedida. Durante as duas semanas da visita da velha, os dois mal se haviam suportado; os bons-dias e as boas-tardes soavam a cada momento com uma delicadeza cautelosa que a fazia querer rir. Mas eis que na hora da despedida, antes de entrarem no táxi, a mãe se transformara em sogra exemplar e o marido se tornara o bom genro. “Perdoe alguma palavra mal dita”, dissera a velha senhora, e Catarina, com alguma alegria, vira Antônio não saber o que fazer das malas nas mãos, a gaguejar – perturbado em ser o bom genro. “Se eu rio, eles pensam que estou louca”, pensara Catarina franzindo as sobrancelhas. “Quem casa um filho perde um filho, quem casa uma filha ganha mais um”, acrescentara a mãe, e Antônio aproveitara sua gripe para tossir. Catarina, de pé, observava com malícia o marido, cuja segurança se desvanecera para dar lugar a um homem moreno e miúdo, forçado a ser filho daquela mulherzinha grisalha... Foi então que a vontade de rir tornou-se mais forte. Felizmente nunca precisava rir de fato quando tinha vontade de rir: seus olhos tomavam uma expressão esperta e contida, tornavam-se mais estrábicos – e o riso saía pelos olhos. (LISPECTOR,2013, p.49)

Em outro trecho, Catarina revela o conteúdo agressivo de sua piada:

A filha observava divertida. Ninguém mais pode te amar senão eu, pensou a mulher rindo pelos olhos; e o peso da responsabilidade deu-lhe à boca um gosto de sangue. Como se “mãe e filha” fossem vida e repugnância. Não, não se podia dizer que amava sua mãe. Sua mãe lhe doía, era isso. (LISPECTOR,2013)

A personagem também encontra dificuldade no seu relacionamento com o marido e com o filho. O marido se sente superior a ela, por vezes mandando na relação. Para com o filho, ela apenas cumpre suas obrigações de mãe, por exemplo a de colocar o menino para dormir, sem cultivar por ele afeto e tampouco desejo de estar próximo dele, causado pelo reflexo que ela é de Severina.

O reflexo no outro remete a obra de Lacan, onde ele compara a aquisição da consciência com a linguagem. Assim como na linguagem, há o signo que está, para os estruturalistas, em uma relação arbitrária entre significado e significante, a criança (significante) antes de encontrar o seu significado se projeta no outro.

[...] chegamos a um senso comum de um “eu” vendo esse “eu” refletido de volta para nós mesmos por algum objeto ou pessoa no mundo. Tal objeto é, ao mesmo tempo, parte de nós mesmos - nós nos *identificamos* com ele- e ainda assim não é parte de nós, continua a nos ser estranho. A imagem que a criança pequena vê no espelho é, nesse sentido, “alienada”: a criança reconhece-se nela de maneira imperfeita, encontra na imagem uma unidade agradável que de fato não sente em seu próprio corpo. (EAGLTON,2006, p.247)

Esse espelho, pode de fato ser o objeto, mas, também pode ser a mãe da criança. O filho tende a imitar a mãe, a ver nela alguém que tem algo que ela gostaria de ter, ou de ser capaz de fazer.

Quando o pai, entra nessa relação unívoca, separando mãe e filho, ocorre o pós-estruturalismo. O filho perde o seu significado e agora, entra em uma constante busca por ele, porém Catarina não passou por esse processo de separação, continuando a ver o seu significado na mãe.

Entretanto, esse quadro muda quando Severina e a filha se encostam no táxi. Os orgulhos e as mágoas são postos de lado, e as duas, apesar de trocarem poucas palavras se perdoam mutuamente, esquecendo aquele passado que tanto às atormentava.

Depois do perdão, Catarina se sente renovada e forte. Se sente uma mulher bonita, jovem que tem muito o que viver. Antes disso, ela vivia “como se tivesse vivido sempre.” (LISPECTOR, 2013, p.52). Após observar com cautela a mãe, percebendo que esta estava ficando idosa, se deu conta de que um dia iria morrer e decide tomar uma atitude de mudança. Ao chegar em casa, ela vai até o quarto de seu filho, passando a se preocupar com o fato do menino ser tão distraído e a nutrir afeto por ele. Tenta chamar atenção do menino e ele à chama de mãe, como se fosse a primeira vez que tivesse a visto e a reconhecido como sua mãe. Catarina rompe então em um riso, finalmente capaz de rir de coração e com o corpo inteiro.

Com os olhos sorrindo de sua mentira necessária, e sobretudo da própria tolice, fugindo de Severina, a mulher inesperadamente riu de fato para o menino, não só com os olhos: o corpo todo riu quebrado, quebrado um invólucro, e uma aspereza aparecendo como uma rouquidão. (LISPECTOR,2013,p.51)

O riso, adicionado ao perdão da mãe e ao carinho do filho, a liberta do Complexo, como diz o excerto acima, ela foge de Severina, encontrando a sua significação, deixando de espelhar-se na mãe. Agora Catarina é capaz de ignorar as ordens do marido, tomando suas próprias decisões, decidida a viver intensamente ao lado de seu filho.

**REFERÊNCIAS**

EAGLETON,Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FISHER, Luís Augusto. Literatura brasileira : modos de usar. Porto Alegre : **L** & **PM** POCKET, 2013.

GOULART, Alberto. **Considerações entre a feminilidade e a masculinidade**. 2007. Disponível em: http://www.psicanalisearacaju.org.br/?pag=textos&idtexto=119&idcoluna=28. Acesso em: 5 de junho de 2019, 07:52:40

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família [recurso eletrônico]**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013.

1. ### aluisarocha18@gmail.com

   [↑](#footnote-ref-1)